

# Reativação econômica é vista com cautela

DENISE CAMPOS DE TOLEDO

Os indicadores que apontam para uma recuperação da economia, apesar de bastante positivos, ainda são vistos com muita cautela por empresários e economistas. O diretor do departamento de economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Boris Tabacoff, por exemplo, afirma que "o comportamento da economia em junho ainda é um incôgnita", embora nos dois últimos meses a atividade econômica no País tenha mostrado efetivamente sinais de recuperação.

O comércio, segundo levantamento da Federação do Comércio de São Paulo, registrou em maio um crescimento de 7% nas vendas, em comparação com o mês anterior. Dados da Associação Comercial indicam que o número de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) aumentou 17% e ao telecheque, 7%. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção industrial do País cresceu em abril 13,4% em relação ao mês anterior, e 36,2% em comparação com abril do ano passado.

Ainda nas estimativas do IBGE, as empresas começaram o mês de junho operando com 80% a 90% de sua capacidade. O Indicador do Nível de Atividade (INA), medido pela Fiesp, apresentou um crescimento de 17,4% em relação a abril de 90 e de 9,9% sobre março. O nível de utilização da capacidade instalada, que era de 66,7% em fevereiro, passou para 69,5% em março e para 72,8% em abril.

Essa recuperação da atividade industrial teve reflexos sobre o nível de emprego, que voltou a crescer em maio, depois de meses sucessivos de queda. Até a quarta semana do mês houve uma expansão de 0,46% na oferta de emprego na indústria paulista, o que corresponde a

Lena Vettorazzo/AE — 10.01.89



Tabacoff: nova política de preços reforça otimismo.

Maurilio Clareto/AE — 19.09.89



Solimeo: a base de comparação é muito ruim.

7.962 novos postos de trabalho. Dados mais positivos sobre o nível de emprego, como observou Boris Tabacoff, contribuem para uma retomada maior das vendas do comércio, já que o medo do desemprego é um dos fatores que mais inibe o consumo. E a continuidade da recuperação da indústria depende, justamente, do crescimento das vendas do comércio.

## Política salarial

Para o presidente do Instituto de Economia Gastão Vidigal, da Associação Comercial de São Paulo, Marcel Solimeo, realmente houve uma reativação da economia nos últimos dois meses, mas é preciso lembrar que a base de comparação é muito ruim. Nos meses seguintes ao Plano Collor, tanto o comércio como a indústria registraram uma queda muito grande no nível de atividade. E os primeiros meses deste ano também foram ruins.

Na opinião do próprio Solimeo, uma recuperação de fato das vendas do comércio ainda depende da definição de uma política salarial que resgate, pelo menos em parte, o poder aquisitivo dos trabalhadores. O abono, segundo ele, "mal cobre a inflação".

Sem levar em conta os dados estatísticos, que são calculados com bastante defasagem, Tabacoff admite que realmente existe um ânimo maior entre os empresários, principalmente após a posse do novo ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. E a própria alteração da política de preços, disse o empresário, contribui para a reativação econômica, pois reforça o clima de otimismo.

O economista Alberto Borges Matias, diretor da empresa de consultoria Austin Asis, acredita que em parte a reativação da indústria é decorrente da reposição dos estoques do comércio, que desde o ano passado vinha trabalhando com um nível muito baixo de estoques. Além disso, a perspectiva de liberação dos preços provocou um aumento na demanda. Muitos consumidores, com receio dos reajustes que viriam, com o fim do congelamento, resolveram antecipar suas compras.

O setor de supermercados também registrou um aumento das vendas no mês passado. Mas, segundo o presidente da Associação Paulista de Supermercados (Apas), Armando Peralta, não se trata de uma reativação do setor, já que a expansão das vendas ainda ficou abaixo da inflação. Não houve crescimento real.